

UMA QUESTÃO DE PERTENCIMENTO À CIDADE UNIVERSITÁRIA: ESTUDO SOBRE MIGRAÇÃO UNIVERSITÁRIA E CONSUMO.

Eduarda Mensch¹; José Luís Abalos Júnior³

¹*Eduarda Mensch 1 – eduardamensch244@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – abalosjúnior@gmail.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está inserido no campo da Antropologia Urbana e do Consumo, tendo como foco a cidade de Pelotas (RS) enquanto “cidade universitária”. O objetivo central é compreender de que maneira estudantes que migram para a cidade, em função do ensino superior, constroem relações de pertencimento e identidades vinculadas ao espaço urbano, considerando tanto a vivência acadêmica quanto os circuitos de lazer e consumo.

Pelotas se configura como um polo universitário no sul do Rio Grande do Sul, contando com onze instituições de ensino superior e recebendo estudantes de diferentes regiões. Esses deslocamentos juvenis envolvem experiências de adaptação, consumo e sociabilidade, que impactam não apenas a trajetória individual dos estudantes, mas também a configuração urbana da cidade. Assim, a questão que tem norteado a pesquisa pode ser sintetizada em: como os estudantes universitários constroem sentidos de pertencimento em Pelotas, e quais fatores influenciam sua permanência ou evasão após a formatura?

A fundamentação teórica dialoga com diferentes abordagens antropológicas sobre cidade, consumo e juventude. AGIER (2011), discute a cidade como um espaço de encontros, situações e movimentos, permitindo observar como práticas cotidianas estruturam identidades urbanas. MAGNANI (2002), destaca a importância de compreender a cidade a partir dos circuitos de sociabilidade e usos do espaço, enquanto BOURDIEU (1983) problematiza a noção de juventude como uma construção social, marcada por ritos de passagem e práticas de distinção. Nesse sentido, práticas como ir ao Skina, ao Ruas de Lazer, Bar em Bar e Sofá na Rua, são eventos que muitas vezes envolvem os estudantes e podem ser compreendidas como momentos de sociabilidade que articulam lazer e consumo na cidade.

Além disso, a relação entre consumo e identidade é abordada por DOUGLAS; ISHERWOOD (2004) e por ROCHA (2004), ao considerar os bens como portadores de significados sociais que extrapolam seu uso material. Tais perspectivas ajudam a compreender como bares, cafés, conveniências e espaços de lazer em torno dos campus universitários configuram paisagens simbólicas de pertencimento para os estudantes. A pesquisa, também dialoga com a proposta da “etnografia da duração” de ROCHA; ECKERT (2010), que possibilita analisar como o tempo vivido na cidade e as memórias associadas aos lugares constroem vínculos.

Este trabalho tem como objetivo geral investigar as razões pelas quais estudantes escolhem Pelotas como destino de seus estudos universitários e os fatores que influenciam sua decisão de permanecer ou deixar a cidade após a graduação. Os objetivos específicos são:

1. Analisar as motivações sociais, culturais e econômicas que levam os estudantes a escolher Pelotas;
2. Examinar experiências cotidianas de sociabilidade e consumo na cidade, observando como se relacionam com o pertencimento;
3. Identificar memórias e narrativas produzidas pelos estudantes e empresários locais como os donos dos bares, sobre sua experiência em Pelotas e sua relação com a identidade de “cidade universitária”.

2. METODOLOGIA

A pesquisa está sendo conduzida com uma abordagem qualitativa em Antropologia Urbana, que busca compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências cotidianas na cidade. Um dos métodos adotado foi a etnografia, entendida como a inserção do pesquisador no campo para observar, registrar e interpretar práticas sociais e representações (MALINOWSKI, 1978; WHYTE, 2005).

O trabalho de campo está sendo realizado com a observação participante em espaços frequentados por universitários, como bares, conveniências, eventos culturais e ruas associadas à sociabilidade estudantil a exemplo do Skina, Ruas de Lazer, Bar em Bar e Sofá na Rua que se configuram como espaços de sociabilidade, encontros e de consumo no espaço urbano. Essas observações foram registradas em diário de campo, complementadas por registros fotográficos e gráficos, conforme sugerem LEAL (2013) e AZEVEDO (2016), que destacam a importância da imagem e do desenho como formas de ampliar a reflexão sobre o espaço observado.

O método da observação flutuante e participante (PÉTONNET, 1982; SIMÕES, 2008) também é utilizado o que permite ao pesquisador circular por diferentes pontos da cidade sem um roteiro rígido, a fim de apreender os usos do espaço urbano e as interações espontâneas. Essa estratégia contribui para compreender como os estudantes ocupam e resignificam os espaços. E lembrando que na antropologia que a etnografia está sendo utilizada como um processo de convivência, para além de algo ocasional, existem encontros e construções com as pessoas e os espaços.

Além disso, estão sendo realizadas entrevistas semiestruturadas e narrativas com os frequentadores desses espaços, os empresários dos bares e baladas visando registrar suas experiências e percepções sobre a cidade. As entrevistas narrativas possibilitam acessar memórias e sentimentos de pertencimento vinculados ao tempo de permanência em Pelotas, em diálogo com a proposta da etnografia da duração (ROCHA; ECKERT, 2010), que enfatiza a relação entre vivências temporais, espaço urbano e identidade.

A análise se ancora, ainda, em referenciais teóricos que problematizam a juventude como categoria socialmente construída (BOURDIEU, 1983), o consumo como prática simbólica (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004; ROCHA, 2004) e a cidade como espaço de fluxos e encontros (AGIER, 2011; MAGNANI, 2002). Dessa forma, a metodologia articula práticas etnográficas e referenciais teóricos para compreender de que maneira os estudantes atribuem sentidos à cidade de Pelotas e como sua presença transforma e tensiona a identidade urbana local.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, o trabalho avançou na etapa de levantamento bibliográfico e nas primeiras observações de campo em espaços de sociabilidade estudantil em Pelotas. No que se refere ao campo empírico, já foram realizadas observações participantes em bares e ruas centrais de Pelotas, especialmente no evento semanal conhecido como Skina. Esse espaço revelou-se um locus para compreender a construção de sociabilidades, rituais de iniciação dos calouros e processos de reconhecimento da cidade por parte dos estudantes. As observações mostraram que o Skina funciona tanto como um ritual de passagem para os novos estudantes quanto como um momento de reafirmação identitária para os veteranos, produzindo uma experiência coletiva de pertencimento urbano.

Os resultados parciais indicam que a relação entre estudantes e cidade não se limita às instituições de ensino, mas se estende a circuitos de lazer, consumo e memória, que ressignificam o espaço urbano. Também, foi possível identificar tensões relacionadas à presença estudantil, como o acúmulo de lixo após os eventos e a necessidade de intervenção policial nos eventos a noite.

No presente estágio, o trabalho encontra-se na fase de sistematização das observações iniciais e preparação das entrevistas narrativas, que permitirão aprofundar a análise sobre pertencimento, consumo e identidade urbana.

4. CONCLUSÕES

O pertencimento urbano de estudantes em cidades universitárias, como Pelotas, é construído diariamente nas interações cotidianas que envolvem estudo, consumo e sociabilidade. A análise mostra que a juventude universitária, marcada por processos de mobilidade e ritos de passagem, participaativamente da configuração simbólica da cidade. Dessa forma, Pelotas não se define apenas como “cidade histórica” ou “cidade dos doces”, mas também como um espaço vivido e narrado pelos estudantes, cuja presença contribui para a consolidação de sua identidade como cidade universitária.

Metodologicamente, a pesquisa propõe um olhar etnográfico que combina observação flutuante, observação participante e etnografia da duração, o que possibilita captar tanto práticas imediatas de sociabilidade quanto memórias e narrativas que permanecem após a experiência estudantil. Teoricamente, ao dialogar com autores como BOURDIEU (1983), AGIER (2011), MAGNANI (2002), DOUGLAS; ISHERWOOD (2004) e ROCHA; ECKERT (2010), as análises oferecem uma leitura de juventude, consumo e cidade se entrelaçam na formação de identidades e vínculos sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos. A cidade dos antropólogos: Os saberes urbanos da Antropologia.** p. 53-67. Terceiro Nome, 2011.

AZEVEDO, Aina. **Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia.** Revista de Antropologia, João Pessoa, v. 2, n. 2, 2016. [p. 100-119]

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia: A “Juventude” é apenas uma palavra.** Marco Zero Limitada. Rio de Janeiro, 1983.

DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração.** RUA, v. 16, n. 1, p. 107-126, 2010.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. Os usos dos bens. In: O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004. [p. 101-118]

LEAL, Fachel Ondina. **Paisagem Etnográfica: Imagens, inscrições e memórias nos cadernos de campo.** Porto Alegre, v.14, n.34, Ed. Iluminuras, 2013. [p. 62-84]

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Na metrópole: textos de antropologia urbana. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.** 2 Ed. Edusp: Editora da Universidade de São Paulo, p. 12-53, 2000.

MALINOWSKI, Bronisław. **Introdução. Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1978. p. 17-37.

PÉTONNET, Colette. **Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense.** Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia, n. 25, 1982.

ROCHA, Everardo. **Os bens como cultura: Mary Douglas e a Antropologia do Consumo.** In:

SIMÕES, Soraya Silveira. **Observação flutuante: uma observação “desendereçada”.** Antropolítica, Niterói, n.25, p.193-196, 2008.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada.** Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.